

**SÓCRATES EDUCADOR**  
SOCRATES EDUCATOR

Cleber Duarte Coelho<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo disserta sobre o ensino da excelência entre aos gregos, enaltecendo aquele que foi considerado o mais sábio entre os seus. Buscamos explicitar a figura que, certamente, causou as mais fortes impressões a respeito da *Paidéia* na Grécia Antiga: Sócrates. Buscamos evidenciar que a Filosofia socrática estava totalmente vinculada ao seu modo de vida, sendo Sócrates um exemplo para diversas escolas filosóficas que surgiram na Grécia. Ensinava pelo seu exemplo, sendo senhor de si mesmo, tendo pleno domínio sobre suas vontades e apetites. O ponto que nos interessa aqui abordar é o fato de que Sócrates foi um educador.

**Palavras-chave:** Educação. Modo de vida. Virtude.

**Abstract**

This article debates about teaching of excellence among the Greeks, praising the one who was considered the wisest among this people. We tried to explain the figure that surely caused the strongest impressions about the *Paideia* in Ancient Greece: Socrates. We seek to highlight the Socratic philosophy was totally tied to their way of life. In fact, Socrates being an example to different philosophical schools that emerged in Greece. He taught by example, being master of himself, taking full control over their desires and appetites. The point that interests us here is the fact that Socrates was an educator.

**Keywords:** Education. Way of life. Virtue.

Ao falarmos sobre o ensino da excelência entre os gregos, não podemos deixar de explicitar a figura que, certamente, causou as mais fortes impressões a respeito da *Paidéia* na Grécia Antiga. Este personagem histórico é Sócrates. Figura ímpar entre os gregos, não nos deixou nenhum testemunho escrito. Entre os seus contemporâneos que sobre ele escreveram, Platão, Xenofonte e Aristófanes foram os que nos deixaram seu legado sobre a figura socrática, embora cada qual a apresente de modo peculiar, caracterizando grandes diferenças entre os autores.

Não ignoramos que um dos grandes problemas a respeito de Sócrates é saber aquilo que é propriamente socrático ou não. Entretanto, um dos aspectos de sua personalidade que parece irrefutável e que aqui nos interessa, é o fato de que Sócrates foi um educador. Ensinava

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor Adjunto I na UFSC. E-mail: rebelc2000@yahoo.com.br

pelo seu exemplo, já que fazia da filosofia seu próprio modo de vida, “obediente apenas aos ditames da voz interior da sua consciência”<sup>2</sup>.

A filosofia como prática, como modo de vida, foi algo tão intenso e marcante na vida de Sócrates, que “comparam-se frequentemente as figuras de Sócrates e Cristo”<sup>3</sup>. Talvez o aspecto mais relevante para esta comparação, seja o fato de que Sócrates “se entregou por completo à missão que o seu presente lhe apontava”<sup>4</sup>. E que missão era esta? A missão socrática parece estar voltada para o questionamento dos conceitos na *ágora*, e na reflexão sobre o modo de vida dos cidadãos na *polis*.

Após a morte de Sócrates, seus discípulos fundaram diferentes escolas para difundir suas mensagens, mas um ponto comum entre estas diferentes escolas é que todas elas atribuem à filosofia um caráter prático, “como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado a um discurso”<sup>5</sup>. Eis o ponto comum entre todos os seus seguidores. Assim, neste artigo, nos debruçaremos sobre a figura emblemática de Sócrates, educador por excelência, considerado o mais sábio entre os seus.

Sócrates foi um homem que impressionava os outros pela firmeza de suas convicções, pelo seu modo de vida simples. Acreditava “que de nada necessita a divindade. Que quanto menos necessidades se tenha, mais nos aproximamos dela”<sup>6</sup>. Esta vertente do pensamento socrático, maximamente enaltecida posteriormente pela escola cínica, causava certo desconforto entre aqueles que conviviam com tal exemplo. Tanto que Xenofonte nos narra<sup>7</sup> que o sofista Antifão, querendo roubar-lhe os discípulos, menospreza sua maneira de viver. Sócrates, num belo elogio à noção de justa medida e domínio de si, responde: “Se não sou escravo do ventre, do sono, da volúpia, é porque conheço prazeres mais doces que não deleitam apenas no momento, mas fazem esperar vantagens contínuas”<sup>8</sup>.

As noções de justa medida, de domínio dos prazeres e de virtude moral são explícitas na figura socrática. Justamente por isso ele é um mestre por excelência, pois fez da filosofia

---

<sup>2</sup> JAEGER, W., *Paidéia – a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Pereira; revisão do texto grego Gilson C. C. de Souza. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 493.

<sup>3</sup> JAEGER, W., op. cit., p.495.

<sup>4</sup> JAEGER, W., op. cit., p.497.

<sup>5</sup> HADOT, P., *O que é a filosofia antiga?*, p. 49.

<sup>6</sup> XENOFONTE, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, I, VI.

<sup>7</sup> XENOFONTE, op. cit., I, VI.

<sup>8</sup> XENOFONTE, op. cit., I, VI.

seu próprio modo de vida, e, acima de tudo, buscava convencer os outros “por atos, não palavras”<sup>9</sup>.

Sócrates é aquele que está constantemente voltado para sua própria alma, mas “antes de mais nada, este cuidado da alma não se traduz de modo nenhum em descuido do corpo”<sup>10</sup>. O cuidado socrático não constitui uma negação ou desprezo do corpo, ao contrário, buscando o conhecimento de si e encontrando o melhor tanto para a alma quanto para o corpo, Sócrates buscava “o domínio da primeira sobre o segundo”<sup>11</sup>.

É interessante notar que, a busca socrática pelo domínio de si é muito semelhante ao que Cléobulo, um dos sete sábios, já havia dito: “não nos deixarmos dominar pelo prazer”<sup>12</sup>. A proposta socrática parece ser, claramente, não uma proposta de negação, mas uma proposta de domínio sobre os prazeres e apetites. Este domínio ficou designado entre os gregos, a partir de Sócrates, pelo termo *enkráteia*.

Se já entre os sete sábios gregos a noção de domínio de si era um forte preceito em suas máximas, com Sócrates esta noção tornou-se uma das bases dos preceitos éticos ocidentais: “foi graças a Sócrates que o conceito de autodomínio se converteu numa idéia central da nossa cultura ética”<sup>13</sup>. Uma vez que Sócrates via na essência do homem sua *psiqué*, ou seja, sua inteligência (leia-se racionalidade), é justamente esta que deve dominar e promover nossas ações, conduzir nossas inclinações, caso contrário, nada nos distinguiria das demais espécies animais.<sup>14</sup>

A busca do domínio de si mesmo, da afirmação e predomínio da alma sobre o corpo, constituíram o modo de vida de Sócrates. A convicção socrática estava voltada para a idéia de que o domínio sobre si mesmo era o alicerce para todas as demais virtudes, “pois equivale a emancipar a razão da tirania da natureza animal do homem e a estabilizar o império legal do espírito sobre os instintos”<sup>15</sup>.

---

<sup>9</sup> PLATÃO, *Defesa de Sócrates*, 32 d.

<sup>10</sup> JAEGER, W., *op. cit.*, p.537.

<sup>11</sup> JAEGER, W., *op. cit.*, p.537.

<sup>12</sup> LAËRTIOS, D., *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.*, I, 92.

<sup>13</sup> JAEGER, W., *op. cit.*, p.548.

<sup>14</sup> Cf. a respeito REALE, G e ANTISERI, D. *História da Filosofia vol. I.* 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1990. pág. 87 e seguintes.

<sup>15</sup> JAEGER, W., *op. cit.*, p.549.

Com efeito, o pensamento socrático está alicerçado na convicção de que o alcance de todas as demais virtudes só é possível se, antes, o homem aprende a conduzir-se, guiar-se, dominar-se, enfim, ser senhor de si mesmo. Desta forma, “não é um dever, para todo aquele que saiba ser a temperança o cimento da virtude, o encastoá-la antes de tudo na própria alma?”<sup>16</sup>. É preciso imprimir temperança à própria alma, para assim salvaguardar corpo e espírito, já que aquele que é escravo das paixões se afasta da virtude: “O escravo das próprias paixões não degrada vergonhosamente o corpo e o espírito?” Ao que o próprio Sócrates responde: “parece-me, por Juno!”<sup>17</sup>. Assim, parece-nos claro que “podemos traduzir o conceito de *enkráteia*, sem a ele dar nenhuma conotação nova, pela expressão, nele inspirada, ‘autodomínio’”<sup>18</sup>.

Vemos que, para Sócrates, era tão clara a importância do domínio de si e da justa medida, que “à pergunta: ‘Em que consiste a excelência de um jovem?’”, sua resposta foi: ‘Em nada fazer em excesso’”<sup>19</sup>. Era a tal ponto cuidadoso consigo mesmo, com seu modo de vida, que “durante a pestilência que irrompeu em Atenas, foi o único habitante que não adoeceu”<sup>20</sup>.

Sócrates, na sua condição de mestre, de educador, mostrava que o verdadeiro homem livre é aquele que possui domínio de si mesmo, que é senhor de suas vontades. Esse “evangelho do domínio do Homem sobre si mesmo”<sup>21</sup>, já defendido entre os sete sábios gregos, atinge sua máxima expressão na figura socrática. Sócrates convencia seus discípulos, antes de tudo, por sua postura de vida. Postura esta que causou tamanho mal-estar entre seus opositores, que estes acabaram levando-o à condenação. Mas, mesmo diante da pena capital, “Sócrates embrenha-se em sua própria alma”<sup>22</sup>, e diante de um triste Apolodoro que diz não suportar ver-lhe morrer injustamente, Sócrates responde: “-Como! Meu caro Apolodoro, então preferias ver-me morrer justamente?”<sup>23</sup>. Tal elevação de alma, deste que tinha como mensagem a própria vida, fazia de Sócrates “um autêntico médico”<sup>24</sup>. Além de, pelo seu

<sup>16</sup> XENOFONTE, *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, I, V, 4.

<sup>17</sup> XENOFONTE, op. cit., I, V, 5.

<sup>18</sup> JAEGER, W., op. cit., p.549.

<sup>19</sup> LAËRTIOS, D., op. cit., II, 92.

<sup>20</sup> LAËRTIOS, D., op. cit., II, 92.

<sup>21</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 509.

<sup>22</sup> JAEGER, W., op. cit., p.513.

<sup>23</sup> XENOFONTE, *Apologia de Sócrates*, III, 28.

<sup>24</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 520.

exemplo, mostrar como se obter vigor para a saúde do corpo, ele é “sobretudo o médico do homem interior”<sup>25</sup>.

É importante lembrarmos que a fama e a grandeza que a imagem de Sócrates possui diante da humanidade se devem também pela sua postura frente à morte. Numa sublime demonstração de seu domínio de si, Sócrates não se altera nem se perturba ao saber que o momento da execução se aproxima. Enquanto seus discípulos tornam-se inquietos, ele permanece como um “homem feliz: feliz, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia no seu fim”<sup>26</sup>.

Que razões levariam Sócrates a manter-se tão sereno diante da consumação da pena que lhe foi atribuída?

A postura socrática é a do sábio que possui a tranquilidade de ter levado uma vida correta, sem desvios. A demonstração de sabedoria daquele que, mesmo sendo condenado de forma injusta, nega-se a fugir para não transgredir as leis do Estado que lhe condenou.<sup>27</sup> A serenidade daquele que, diante de seus acusadores, dizia que obedeceria “antes ao Deus que a vós”<sup>28</sup>, pois imbuído de sua missão de fazer da filosofia sua própria vida, Sócrates dizia: “Quer me dispenseis, quer não, não hei de fazer outra coisa, ainda que tenha que morrer muitas vezes”<sup>29</sup>.

O filósofo Sócrates, que durante toda sua vida empenhou-se em ter uma conduta regrada, longe dos excessos, senhor de si mesmo, não busca conforto junto aos homens, mas sim, junto aos deuses. É o homem que toma por alimento a própria alma, e diz: “hei de envidar todo o esforço possível para defender a esperança de ir encontrar, depois da morte, um lugar perto dos deuses, que são amos em tudo excelentes, e, se há coisa a que eu me dedique com todas as minhas energias, será isso”<sup>30</sup>.

Tendo consciência de seu modo de vida voltado para aquilo que considera melhor, Sócrates porta-se como aquele que consegue enxergar luzes diante de tantas sombras. Não

---

<sup>25</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 520.

<sup>26</sup> PLATÃO, *Fédon*, 58 e.

<sup>27</sup> No *Críton*, para corroborar a postura de Sócrates diante da morte, nos diz Platão: “porque todo violador das leis bem pode ser tido como corruptor dos jovens e leviano.” p. 132.

<sup>28</sup> PLATÃO, *Defesa de Sócrates*, 29 d.

<sup>29</sup> PLATÃO, *Defesa de Sócrates*, 30 c.

<sup>30</sup> PLATÃO, *Fédon*, 63 c.

possui inquietação diante de seu destino, “ao contrário, tenho a firme convicção de que depois da morte há qualquer coisa – qualquer coisa, de resto, que uma antiga tradição diz ser muito melhor para os bons do que para os maus”<sup>31</sup>.

A convicção socrática fundamenta-se na ideia de que aquele que se dedicou à parte mais nobre de si mesmo, que se empenhou em fazer da filosofia a própria vida, não tem o que temer diante da morte.

O filósofo (o verdadeiro filósofo) não tem motivos para temer a morte, uma vez que “o homem que realmente consagrou sua vida à filosofia é senhor de legítima convicção no momento da morte, possui esperança de ir encontrar para si, no além, excelentes bens quando estiver morto!”<sup>32</sup>.

Sendo a morte separação entre alma e corpo<sup>33</sup>, o verdadeiro filósofo busca ocupar-se de sua alma, que é aquela capaz de ter acesso às verdades. Platão atribui uma negatividade ao corpo neste diálogo (*Fédon*), que é justamente o diálogo em que Sócrates está se preparando para a hora derradeira.

Para Platão, se um homem verdadeiramente for filósofo<sup>34</sup>, terá as preocupações e as direções voltadas para a sua alma, pois o corpo constitui um entrave para a contemplação das coisas como elas verdadeiramente são. Desta forma, diz Platão, para aquele que “se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e estar morto”<sup>35</sup>.

O que significa “preparar-se para morrer e estar morto?” Significa que aquele que se revela filósofo afasta tanto quanto pode a alma do contato com o corpo.<sup>36</sup> Sendo o corpo um cárcere para a alma, “a alma do filósofo, alçando-se ao mais alto ponto, desdenha o corpo e dele foge, enquanto por outro lado procura isolar-se em si mesma”<sup>37</sup>.

Para Platão a alma deve esforçar-se para desembaraçar-se dos sentidos corpóreos, pois são eles que impedem a alma de aproximar-se da verdade. Portanto, enquanto estivermos no

---

<sup>31</sup> PLATÃO, *Fédon*, 63 c.

<sup>32</sup> PLATÃO, *Fédon*, 64 a.

<sup>33</sup> PLATÃO, *Fédon*, 64 d.

<sup>34</sup> PLATÃO, *Fédon*, 64 e.

<sup>35</sup> PLATÃO, *Fédon*, 64 a.

<sup>36</sup> PLATÃO, *Fédon*, 65 a.

<sup>37</sup> PLATÃO, *Fédon*, 65 d.

corpo, diz Platão, “e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade”<sup>38</sup>.

Embora o *Fédon* seja o diálogo em que Platão nos mostra Sócrates diante da morte, é importante lembrarmos que esta postura de negatividade atribuída ao corpo parece ser algo que Platão coloca na boca de seu mestre, e não algo propriamente socrático.

Sócrates não precisava desprezar ou fugir do seu corpo, pois não era escravo do mesmo. Tinha-o como instrumento de sua alma, de sua razão. Sua tarefa como educador era a de exercitar a virtude e ajudar a tornar melhor seus concidadãos. “Deparamos aqui com a medula da própria consciência que Sócrates tinha da sua tarefa e da sua missão: uma missão educacional, que interpreta a si própria como “serviço de Deus”<sup>39</sup>.

Também no *Fedro*, Platão nos diz algo que explicita sua forma de pensar na pureza de nossa alma antes de estarmos imersos neste corpo, onde não possuíamos qualquer tipo de impureza:

Iniciados nos mistérios a que podemos chamar de divinos, nós os celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições que nos atingiram no curso ulterior do tempo. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade, eram as aparições que a iniciação revelava ao nosso olhar no meio de uma pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com este sepulcro que é nosso corpo ao qual estamos ligados como a ostra à sua concha.<sup>40</sup>

Vale ressaltar que, além do *Fédon* e do *Fedro*, em todo o livro VII da *República* Platão evidencia uma discussão que tem como pano de fundo o tema da instrução *versus* ignorância. O mundo em que habitamos é semelhante a uma caverna, onde tomamos sombras por realidade. As coisas como verdadeiramente são não se encontram aqui, mas no mundo das ideias, onde a ideia de Bem é a última a ser apreendida, sendo ela causa de todo o belo que existe nas coisas. Desde a infância deve-se cortar os maus pendores da alma, sendo esta educada a *lembrar-se* de sua verdadeira morada, *ascendendo* à contemplação das verdades no mundo ideal. Eis porque o filósofo é o homem ideal para governar o Estado: possui conhecimento e pode instruir o povo para aquilo que há de melhor, estabelecendo com

---

<sup>38</sup> PLATÃO, *Fédon*, 66 b.

<sup>39</sup> JAEGER, W., op. cit., p.528.

<sup>40</sup> PLATÃO, *Fedro*, p. 155.

discernimento e acribia as melhores leis e a melhor forma de vida para a *polis*.<sup>41</sup> Não gratuitamente, no mito narrado por Platão, aquele que consegue desvencilhar-se dos grilhões acaba sendo morto por seus companheiros de caverna que ignoravam a luz. Platão traduziu no mito o que os atenienses fizeram com seu maior mestre e educador. Sócrates deixou seu legado, mas seus concidadãos cegaram-se com a luz trazida pela excelência do maior educador conhecido por Atenas.

Sócrates viveu para sua alma, fez da filosofia seu modo de vida, e foi esta vivência que lhe trouxe tamanha serenidade e tranquilidade diante da morte. Estar vinculado ao corpo, para Sócrates, nada mais era que dar-lhe vazão ao homem interior, servindo aos ditames de sua razão. “Servir a alma é servir a Deus, não porque ela seja um hóspede daimônico, carregado de culpas e oriundo de remotas regiões celestes, mas sim porque ela é espírito pensante e razão moral, e estes são os bens supremos do mundo”<sup>42</sup>.

O que Platão em seu *Fédon* certamente traduziu, foi a imperturbabilidade de Sócrates diante da morte. A tranquilidade de um homem que via a “filosofia como caminho de vida” e voltava-se para “o ideal concretizado na autoconsciência e no autodomínio espiritual – como por um conhecimento da verdade vinculado ao exercício da virtude o do bem.”<sup>43</sup>.

O mestre e educador Sócrates, sem agarrar-se à vida quando dela nada mais lhe resta, convicto de que “é com belas palavras que se deve morrer”<sup>44</sup>, despede-se dos seus com a certeza de ter cumprido a missão que acreditava ter-lhe sido confiada pelos deuses: ser um autêntico médico, mas “sobretudo o médico do homem interior”<sup>45</sup>. O caráter de tal homem, que não gratuitamente foi considerado o mais sábio entre os gregos, era o caráter de alguém que fazia da filosofia sua própria vida.

---

<sup>41</sup> Cf. PLATÃO, *República, livro VII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

<sup>42</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 532.

<sup>43</sup> MONDOLFO, R., *Sócrates*, p. 96. Mondolfo, contrariamente a Jaeger, defende a idéia de um Sócrates com espírito religioso semelhante ao de Platão. Diz ele: “A serenidade com que Sócrates enfrenta a morte explica-se inteiramente por seu espírito religioso, por seu conceito de vida encarada como caminho de purificação da alma, que, por conseguinte, pode compreender-se somente como preparação e trânsito para outra vida ulterior, imortal e eterna, de acordo com a natureza divina atribuída à alma”. (Ibid., p.89.) Parece-nos muito mais plausível e coerente o argumento defendido por Jaeger: “Antes de mais nada, este cuidado da alma não se traduz de modo nenhum em descuido do corpo. A sua descoberta da alma não significa a separação dela e do corpo, como tantas vezes se afirma em desabono da verdade, mas antes o domínio da primeira sobre o segundo. *Mens sana in corpore sano* é uma frase que corresponde a um autêntico sentido socrático”. (JAEGER, W. op. cit., p. 537.)

<sup>44</sup> PLATÃO, *Fédon* 117 d.

<sup>45</sup> JAEGER, W., op. cit., p. 520.



Consideramos o legado socrático fundamental para aqueles que se envolvem, por exemplo, com a Filosofia e seu ensino. Sobretudo porque o educador Sócrates nos mostra que a Filosofia pode ter um caráter prático, uma busca pela felicidade, uma autolapidação ou estética de si. Eis porque defendemos que há uma intrínseca ligação entre a figura socrática e o pensar pedagógico da educação enquanto exemplo.

## Referências

HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

JAEGER, W. **Paidéia** – a formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira; revisão do texto grego Gilson C. C. de Souza. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Trad. Mário da Gama Kury. 2ªed. Brasília: Editora da UNB, 1987.

MONDOLFO, R. **Sócrates.** Trad. Lycurgo Gomes da Motta. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

PLATÃO. **A República.** Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

\_\_\_\_\_. **Crítón.** Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995.

\_\_\_\_\_. **Defesa de Sócrates.** Trad. Jaime Bruna. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Fédon.** Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Fedro.** Trad. Jorge Paleikat. 21 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

XENOFONTE, **Ditos e feitos memoráveis de Sócrates.** Trad. Líbero Rangel de Andrade. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Apologia de Sócrates.** Trad. Líbero Rangel de Andrade. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Recebido em 15 de Junho de 2014.  
Aceito em 30 de Junho de 2014.